

APOLA

2023

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM PSICANÁLISE

(Proposta e redação original de Alfredo Eidelsztein)

INTRODUÇÃO

APOLa, *Apertura para Otro Lacan*, como sociedade psicanalítica, tem por objetivo articular, difundir e desenvolver os conceitos fundamentais da nova psicanálise proposta por Jacques Lacan, sob a modalidade de um **Programa de Investigação Científica em Psicanálise**, que se funda a partir das seguintes premissas:

PREMISSAS

1. Entendemos que:
 - a) a psicanálise é uma teoria com espírito científico que se organiza a partir de certos princípios epistemológicos;
 - b) enquanto teoria, está configurada por conceitos racionalmente argumentados e articulados entre si, não podendo valorar-se nenhum deles de forma autônoma. Seus princípios são axiomáticos (condições iniciais que funcionam como postulados).
2. Escolhemos a interrogação e a argumentação lógica como ferramentas indispensáveis para aceder ao saber específico de nossa prática. Não aceitamos argumentos dogmáticos nem de autoridade (baseados no prestígio e/ou na hierarquia da pessoa que os sustenta). Praticamos de forma constante a crítica dos nossos próprios argumentos e dos argumentos alheios.
3. Consideramos a elaboração teórica como fundamental na produção de saber. Os conceitos com os quais operamos não provêm da realidade: são sistemas de ideias não extraídos de nenhuma experiência, mas de uma elaboração conceitual que constitui um campo do saber e que habilita uma área de experiência.
4. Consideramos que a teoria psicanalítica proposta por Jacques Lacan é diferente e, em muitas ocasiões, de sentido oposto à legada por Sigmund Freud e por todas

as escolas surgidas na psicanálise. Consequentemente, trabalhamos para preservar e fazer avançar a novidade e o caráter subversivo do ensino de Lacan.

5. Praticamos, de acordo com o ensino de Lacan e por convicção própria, a “interterritorialidade científica” da psicanálise, o que significa abordá-la articulada a outras disciplinas científicas vizinhas, como a matemática, a lógica, a física, a análise de discurso, a linguística, a antropologia, a história, entre outras.

PRINCIPIOS SOCIETÁRIOS

Nós, os participantes desta convocatória, consideramos este **Programa de Investigação Científica em Psicanálise** uma alternativa ao modelo imposto, no qual um mestre, de forma individual e por sua experiência pessoal acumulada, ensina a um conjunto de alunos. Sustentamos que o trabalho de investigação – não de leitura – é produto de um conjunto de pesquisadores de diversas áreas, disciplinas ou pesquisas, com trajetórias e interesses pessoais diferentes, que se vinculam em torno do Programa. Nem Freud nem Lacan foram “gênios” que, de forma isolada, criaram a partir do nada suas respectivas psicanálises.

Propomos este Programa à comunidade analítica:

- a) com o objetivo de elaborar e criticar ideias e conceitos, interrogando suas determinações em cada uma de nossas práticas, em um espaço de trabalho compartilhado, que não implica a coincidência em todos os tópicos;
- b) com a finalidade de desenvolver ou ampliar as consequências da adoção de um núcleo de princípios básicos a serem aplicados em suas respectivas áreas, disciplinas ou investigações;
- c) com a intenção de fundar novas formas de pensar e conceber questões fundamentais de nossas práticas, em oposição racional e específica a outras teorias e práticas vigentes.

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Nossa epistemologia sustenta que as teorias científicas partem de saberes anteriores que são superados para que se obtenha maior coerência e potência, o que é estabelecido pelo consenso da comunidade científica, verificações experimentais e aplicações práticas.

As teorias científicas partem sempre de teorias anteriores – ou seja, não se originam da experiência – e devem ser primeiramente formuladas e comunicadas para que possam ser submetidas à crítica, a provas e experimentos que as confirmem, ou refutem apenas parcialmente.

Não negamos uma ida e volta constante entre teoria e experimentação, mas objetamos que a psicanálise, como todas as ciências, surja da experiência, e que esta seja baseada em vivências pessoais. A ciência moderna inicia-se formalmente quando se declara a dúvida metódica a respeito do que é propiciado pelos sentidos.

ESTRUTURA DAS TEORIAS CIENTÍFICAS

Seguindo Imre Lákatos, consideramos que as teorias científicas constituem estruturas compostas por:

1) Núcleo central

É a estrutura conceitual constituída pela menor quantidade possível de supostos básicos – hipóteses teóricas gerais –, estabelecidos por decisão metodológica dos protagonistas. Têm os seguintes atributos:

- a) é falseável: como disse Popper, “os enunciados devem ser capazes de entrar em conflito com observações possíveis ou concebíveis”;¹
- b) é convencional;
- c) seus componentes são postulados como axiomas;
- d) não parte de dados factuais ou empíricos.

"Popper propôs que os argumentos, para serem considerados científicos, devem ser expressos de uma forma que permita uma crítica lógica, ou seja, que

¹ Popper, Karl. (1963). “Conjeturas y refutaciones”, p.39. Alfredo Eidelstein trabalhou em seu terceiro seminário internacional, “Avanços em Psicanálise” (disponível em www.eidelszteinalfredo.com.ar) a crença popular de que a psicanálise não seria uma ciência porque a proposta de Karl Popper foi mal compreendida, inclusive por Lacan. Na citação ao final da página 36 do artigo *La racionalidad de las revoluciones científicas*, do livro “*El mito del marco común*” Popper diz: “Para não me repetir muito, não mencionei nesta conferência minha sugestão de um critério do caráter empírico de uma teoria, a falseabilidade ou refutabilidade, como critério de demarcação entre teorias empíricas e não empíricas. Considerando que em inglês ciência é equivalente a ciência empírica, e como esse tema está suficientemente discutido em meus livros, escrevi coisas como a seguinte: para serem considerados científicos, os enunciados devem ser capazes de entrar em conflito com observações possíveis ou concebíveis”, em “*Conjeturas y refutaciones*”, p.39; [isso não é ciência empírica, mas lógica modal: possível, impossível, necessário, contingente; ou concebíveis, por exemplo, um experimento mental e não um teste de laboratório]. “Há aqueles que saltaram diante disso como que impulsionados por uma mola, e já em 1932 temos a reação típica: e quanto ao evangelho que você prega? Entretanto, minha resposta à objeção foi publicada em 1934, em ‘*Lógica de la investigación científica*’, cap.2, seção10: posso expô-la agora novamente. Meu evangelho não é científico, ou seja, não pertence à ciência empírica, mas é antes uma proposta. Meu evangelho e minha proposta podem ser criticados, mas não exatamente por observações. E, de fato, têm sido criticados”.

tenham contradições ou que se possa supor algum caso que os conteste. Não é necessário ver um cisne negro, pois se alguém diz que 'todos os cisnes são brancos', tende-se a pensar que essa fórmula é muito fraca, porque bastaria que aparecesse um cisne de outra cor para refutá-la. Popper afirma: 'de fato minha argumentação é da mesma natureza, eu também apresentei um argumento que não é empiricamente demonstrável'. A teoria de Popper não é empiricamente testável: em que laboratório, com um microscópio, poderíamos verificar se o que ele diz é passível de crítica? Citando Popper: 'inclusive fui criticado desde o primeiro dia em que a publiquei, tenho sido criticado desde 1932; o que demonstra que meu argumento é popperiano é que ele é criticável'. O problema é quando o argumento não é criticável, é expresso na forma 'se o paciente diz sim a Freud, este tem razão porque o paciente assim o afirma; se o paciente diz não a Freud, este tem razão porque ao dizer *não* o paciente está resistindo'. Portanto, Freud sempre tem razão. Expresso dessa forma, o argumento não é científico porque não admite a lógica de uma crítica que o desconcerte."²

O núcleo central deste Programa de Investigação Científica em Psicanálise será designado como **CONCEITOS FUNDAMENTAIS**.

2. Cinturão protetor

É o conjunto de hipóteses auxiliares que configuram os supostos complementares, cuja função fundamental é consolidar logicamente e sustentar racionalmente os conceitos fundamentais do programa. Em nosso contexto, o chamaremos **CONCEITOS ARTICULADOS**.

PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM PSICANÁLISE

A proposta deste programa tem como objetivo:

- a) contribuir com o desenvolvimento dos argumentos da “psicanálise por vir” que tentamos promover;
- b) permitir superar as aporias da atual tendência freudolacanianiana;
- c) reduzir o estado de isolamento em relação à comunidade científica de que padece a psicanálise há décadas e que a deixou em uma condição de

² Eidelsztein, A. (2020) Terceiro Seminário Internacional: “Avanços em psicanálise”. Disponível em www.eidelszteinalfredo.com.ar, pp. 10 /11.

enorme atraso.

A seguir, apresentam-se os supostos básicos (as hipóteses teóricas gerais) que estabelecemos (por decisão arbitrária e metodológica) como núcleo conceitual fundamental deste programa.

De um modo diferente de Freud e Lacan que propuseram respectivamente “Eu, Supereu e Isso” e “Simbólico, Imaginário e Real”, para nós o ponto de partida se baseia em outra lógica: primeiro o diagnóstico do problema, depois as soluções propostas.

Assim, na tabela seguinte, primeiro é apresentado o diagnóstico cultural, social e de época das origens do sofrimento sobre o qual a psicanálise deve operar. Depois se apresenta o que estabelecemos como a resposta da posição hegemônica e majoritária dos psicanalistas pós-lacanianos. Finalmente, é indicada nossa posição e sua escritura algébrica possível.

Propomos, dessa forma, que as posições hegemônicas na psicanálise pós-lacanianiana coincidem, em grande medida, com a orientação das ideias reinantes em nossa sociedade para enfrentar o sofrimento específico destinado à clínica psicanalítica.

PROGRAMA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

APOLa

2023

	Diagnóstico das tendências que operam na origem do sofrimento que a psicanálise enfrenta	Posicionamento da Psicanálise atual (freudolacanianos e outros)	Posicionamento da APOLa
1- INDIVIDUALISMO	A concepção atômica do sujeito é levada ao extremo: cada indivíduo é como uma esfera em uma sociedade concebida como a soma dos indivíduos (1+1+1+...). Essas esferas são pensadas como bolas de bilhar.	Não há Outro. Cada um tem sua própria psicanálise, e é responsável por seus atos, pensamentos e sintomas. O aparelho psíquico é interno: individualismo extremo.	Concebemos o sujeito existindo apenas em imissão de Outridade. Sustentamos que: Isso fala (<i>Ça parle</i>); o inconsciente é o discurso do Outro/A e que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida. Nessa lógica é impossível aplicar a responsabilidade subjetiva. Estabelecemos o caso como um conjunto diferencial último e covariante dentro de uma estrutura.
2-BIOLOGIZAÇÃO	O real e mais autêntico de cada um é seu corpo biológico e o que dele provém.	A pulsão (gozo para os freudolacanianos) se origina e se desprende da substância viva do organismo biológico individual com que se nasce (vitalismo).	Consideramos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer, e ao gozo, como gozo do Outro/A e gozo fálico (fora do corpo); ambos impossíveis de serem originados e localizados na substância viva. Ambos são criação da articulação significativa no campo do Outro/A que incide e afeta o corpo 3D. Há sensações e necessidades do corpo biológico, mas não são assunto nem do sujeito, nem da psicanálise.
3-SEXUALIZAÇÃO DA IDENTIDADE	O ser é dado pela identidade sexual: eu sou homem, mulher, gay, lésbica, trans, queer, +. Pode-se pensar na noção de Davidson de "sexistencia" ou o de Lipovetsky de "sex-dução".	O um do sexo. Acontecimento do corpo. A escolha singular do sexo de cada um. O unarismo do sexo. A psicanálise sustenta o Um.	Sustentamos que a lógica da sexualização é a do <i>héteros</i> como diferença radical: produção do ser a partir do não-ser. <i>Hétero</i> -sexualidade. O sexo é o <i>héteron</i> , como diferença radical: cria a multiplicidade de valores sem que nenhum deles consista em Um. <i>Héteros</i> (ou <i>héteron</i>) seria o oposto à identidade por introduzir o não-ser. A diferença produz ser a partir do não-ser. Nas palavras de Lacan, o que é chamado de sexo será o <i>héteron</i> por fundar-se nessa ausência de identidade, no não-todo.
4-NILISMO	Não existem valores nem sentidos transcendentais além das satisfações imediatas das necessidades e gostos individuais.	Para a pulsão de morte, a libido e o gozo, não há sentidos nem valores transcendentais. Trata-se apenas de satisfação ou insatisfação das necessidades ou gozos.	Propomos uma concepção criacionista (criação <i>ex-nihilo</i>) que, a partir da articulação significativa no campo do Outro/A e do discurso, concebe o objeto a como dimensão criada de valor e sentido particular – não singular – que se articula plenamente à condição $\$$ do sujeito.
5-TEMPO	Representado por uma flecha, o tempo é concebido como sendo evolutivo, linear e infinito em ambas as direções. É intuitivo, de percepção imediata e sem mediação intelectual ou racional.	É concebido como evolutivo, na medida em que a infância leva à vida adulta, e esta, à maturidade (quanto mais maduro, melhor). A maturidade é um estado autônomo e independente; nascemos alienados e temos de nos separar.	Trabalhamos com o conceito de tempo circular ("futuro anterior") no qual não se pode estabelecer a anterioridade, nem lógica nem cronológica, do corpo biológico em relação à ordem simbólica; nem da antecipação em relação à retroação; nem da alienação em relação à separação, tampouco de S1 em relação à S2. Essa concepção de tempo requer que se admita um Big Bang da linguagem e do discurso.
6-ESPAÇO	Tridimensional, infinito em todas as direções, eterno e intuitivo, onde existem os objetos tridimensionais (únicos objetos reais).	Composto apenas pelo interior e o exterior do corpo, considerado como uma bolsa. O interior é próprio (eu bom), e o exterior é contrário ao eu. As pulsões e o gozo são internos.	Operamos, na clínica psicanalítica, com um espaço "topológico", no sentido de sua concepção bidimensional (superficial), em relação ao qual, em certas oportunidades, verifica-se a diferença interior-exterior e, em muitas outras não. Funda-se em um buraco: <i>béance</i> (fenda), cavidade, criada pela articulação significativa no campo do Outro/A.
7-MATÉRIA	Substância tridimensional, tangível, visível e possível de pesar. É o que não engana (como "bater em madeira"); o que constitui os objetos, que os torna fechados e externos uns em relação aos outros (<i>partes extra partes</i>).	Substância (biológica) com a qual se nasce e que, por suas essências, desprende pulsão de morte, libido e gozo em quantidades e proporções diferentes, de acordo com cada indivíduo.	Concebemos a matéria da psicanálise como um materialismo dos termos da linguagem, caracterizada por ser: insubstancial, incorpórea e antinatural. É invisível e intangível. Possui consistência lógica. É estabelecida e operada como um texto, tanto no sentido de ser uma articulação entre significantes (S1/S2) quanto na função da letra.
8-ENERGIA	O que faz mover os objetos aos quais carrega (investe) = $m + e$. A mais autêntica é a que provém do interior do corpo anatômico.	Forças psíquicas (afetos) cujas qualidades e combinações são dotações do corpo anatômico. Forças vitais e mortíferas com as quais se nasce e se vive.	Substituímos – para a psicanálise e os assuntos do sujeito – a energia biológica e as forças físicas pela noção de valor (qualidade) compreendido como uma "economia política", cuja apreciação depende de fatores tais como os surgidos do laço discursivo, da língua, da sociedade, da cultura, e deve admitir a existência de fatores aleatórios em toda história particular (não singular).

g) das diferenças entre Freud e Lacan

h) das diferenças entre nossa leitura de Lacan e os freudolacanianos.

a) Do Outro, A e \bar{A}

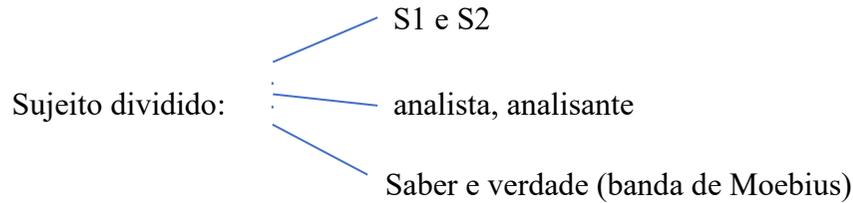
Em virtude da noção de estrutura com a qual trabalhamos, a subjetividade somente pode ser pensada a partir da existência do Outro e do A. Dito de outra forma: não há sujeito sem Outro/A em uma relação de imisção (indistinção).

1. Distinguímos Outro e A: há diferença entre o Outro histórico e encarnado e o lugar do A, segundo a escritura da álgebra lacaniana que indica a bateria, o tesouro, enxame e conjunto significativo.
2. Distinguímos o pai (enquanto genitor) do Nome-do-Pai (que não deve ser equiparado a nenhuma pessoa, nem a um sexo), da mesma forma que distinguímos a mãe biológica da Mãe, enquanto encarnação do A. No fim da análise, a função de A fica estabelecida como \bar{A} .
3. A lógica da constituição do sujeito é lida em duas operações: alienação e separação.
 - entendemos a alienação como o efeito mortífero da dupla significante, e seus efeitos são a causa da linguagem (\bar{A}): “nem S1, nem S2”. Não confundimos alienação com simbiose, menos ainda com fundir-se ou confundir-se com o Outro. Sua legalidade é a da reunião da teoria dos conjuntos.
 - entendemos separação como o resgate do efeito mortífero do significante pela via do desejo do Outro histórico. Não confundimos separação com a ideia de separar-se do Outro, nem se autonomizar em relação ao Outro ou alcançar independência, mas como o advento da condição de objeto a para o $\$$. Sua legalidade é a da intersecção da teoria dos conjuntos.
4. O Nome-do-Pai é o conceito que serve para conceber a articulação entre lei e desejo, incluindo seu surgimento, e não aquilo que os opõe.

b) Do Sujeito: ($\$$)

1. “Sujeito” é o tema, assunto, matéria, que advém entre duas instâncias enunciativas. Nesta lógica, o sujeito do inconsciente é criação entre analisante e analista, e é considerado animado por um desejo interpretável. Uma vez especificada a lógica que sustenta que não há sujeito sem Outro/A, é possível definir a noção

de sujeito com a qual opera uma psicanálise, distinguindo-o de: pessoa (social), indivíduo (biológico), cidadão (político) ou qualquer entidade que se coloque enquanto unidade idêntica a si mesma. Lacan formaliza o sujeito nascido em psicanálise na articulação significativa em forma de bucle entre S1 e S2, como sujeito dividido entre saber e verdade – equiparado ao corte pela linha média de uma banda de Moebius.



2. É nesse sentido que entendemos não haver relação intersubjetiva: sujeito implica pelo menos dois, uma relação, mas não há dois sujeitos, assim como tampouco há diálogo.
3. O modelo topológico que evidencia a estrutura do vínculo/laço entre $\$$ e \mathcal{A} é o dos dois toros interpenetrados.
4. A partir desta conceitualização do sujeito, a responsabilidade subjetiva é objetada como conceito psicanalítico, na medida em que implica uma contradição com a ideia de um sujeito não individual. Não deixamos de estar advertidos de que, na clínica psicanalítica, é fundamental o trabalho sobre – usualmente denominados – os "sentimentos inconscientes de culpa", ainda que discordemos da via do freudolacanismo que preconiza uma responsabilização que necessariamente torna-se culpabilizante.
5. Propomos a noção de um “sujeito local”: consideramos que a noção de sujeito como aquilo que um significante representa para outro significante, opera somente na prática analítica, pelo ato de elevar ao estatuto de significantes alguns termos do texto ou material da sessão analítica, entendida como a intertextualidade constituída entre analisante e analista.

c) Do objeto a e do desejo

1. Existe luto pela perda de um objeto verdadeiro, não-metonímico.
2. Devido ao objeto ser não-metonímico, existe ato verdadeiro.

3. O desejo não é metonímico. Ocorre quando, por um ato de interpretação, a cadeia significante se fecha em forma de bucle criando um buraco que permite interpretar o objeto *a* na sua condição particular e em relação ao Outro/A. O desejo está articulado, ainda que não seja articulável plena e definitivamente.
4. A repetição em psicanálise será considerada como repetição da falha através de três gerações e também o fracasso na articulação entre desejo e lei. Não é um fracasso estrutural, mas sim histórico, e é por isso que a nossa noção de repetição não deve ser confundida com a versão mais difundida entre os psicanalistas de que o que se repete é a impossibilidade de encontrar satisfação ou o seu objeto. A falha que estamos considerando só pode ser endereçada em relação a termos significantes (como pai, mãe, filho, filha, avó, avô, etc.), elementos da trama textual particular de um sujeito.
5. O sujeito e o objeto *a* são bidimensionais.
6. O objeto *a* é a realização (advento) do sujeito.

d) Do significante, cadeia, inconsciente e fenda (*béance*)

1. O inconsciente está estruturado como uma linguagem.
2. A cadeia significante possui a estrutura de um bucle (curva de Jordan) que habilita a leitura do material como “anéis de um colar”.
3. O inconsciente não dirige a cura. É o analista quem tem a responsabilidade de fazê-lo.
4. O *a priori* de que partimos em psicanálise é que no princípio foi o verbo, o que indica um evento de discurso, não a morte ou a ação. Isto descarta a ideia freudolacanianiana de um corpo biológico enquanto substrato preexistente a um sujeito (indivíduo) como epifenômeno.
5. O antecedente lógico de todo sujeito é a existência do A – tesouro e bateria do significante e sua lógica – e do Outro – encarnado em alguém e articulado, ao menos, a três gerações.
6. Sustentamos uma posição criacionista - criação *ex nihilo* – e rejeitamos o evolucionismo em psicanálise.
7. Não consideramos a holófrase como uma colagem de dois significantes, mas como a perda da função do bucle fechado em S1/S2.

e) Das pulsões, corpo, gozo e sexo/héteron

1. O real para a psicanálise não é o corpo biológico (tridimensional) mas o impossível. Consequentemente, a biologia ou a física clássica não são as ciências que melhor orientam a psicanálise na abordagem da noção de real; mas sim, a lógica.
2. Consideramos a pulsão como o eco no corpo do fato de que há um dizer.
3. Propomos o termo gozo no lugar da tradução equivocada – em espanhol – de *jouissance* por *goce*³; por ser esta última, substancialista.
4. Reafirmamos que, segundo Jacques Lacan, gozo não é a satisfação da pulsão, mas a manifestação da lei do não-todo do significante aplicada ao significante mesmo. Sua fundamentação encontra-se na demonstração da incompletude dos sistemas formais (Teorema de Gödel). Lacan o articula: $J(A)$ e $J(\Pi)$, impossíveis de serem formulados no sistema freudiano da satisfação-insatisfação.
5. Rejeitamos fundamentar a psicanálise como uma energética. Apoiamo-nos na noção de “economia política” para a consideração das forças que operam no campo do sujeito e do Outro-A.
6. Entendemos que não há relação sexual devido à falta de um terceiro termo que permita escrever a relação como uma proporção lógica. Trata-se de um problema lógico–formal, tal como se manifesta na clínica psicanalítica, e não uma questão de acoplamento dos corpos sexuados.
7. Por introduzir o não-ser, *héteros* ou *héteron* opõe-se à identidade. A diferença produz o ser a partir do não-ser. Na linguagem de Lacan, o sexo é *héteron*, enquanto fundado na ausência de identidade, isto é, no não-todo.⁴ A seguinte citação, do texto *L'Étourdit*, destaca essa posição de Lacan:

O que se chama sexo [...] é propriamente, respaldando-se no não-todo, o *héteron*, que não pode ser estancado por um universo. Chamemos heterossexual, por definição, àquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu próprio sexo. Ficará mais claro. Eu disse “amar”, e não estar prometido a elas por uma relação que não há. É justamente isso que implica o insaciável do amor, que se explica por esta premissa. Que tenha sido preciso o discurso analítico para que isto pudesse vir a ser dito mostra com bastante clareza que não é em todo discurso que um dizer vem a ex-sistir. [...] É a lógica do *héteros* que se deve acionar, sendo digno de nota que nela desemboque o *Parmênides*, a partir da incompatibilidade entre o Um e o Ser.

Para Lacan, então, a sexualidade situa-se em torno do *héteros*, o Outro, o que "deve sempre ser posto", e o que pode sempre ser posto de outra maneira num discurso que faz com que esse dizer ex-ista e desafie a consistência da totalização.

³ Na língua portuguesa não encontramos esse problema, uma vez que temos um só termo para gozo. (N.T)

⁴ Esta ideia de Lacan deve ser posta em diálogo com a sua posição antifilosófica e sofisticada. Cf. o ensaio de Rosella V. Pusineri e Juliana Zaratiegui, *Más allá de Freud, implicancias de la novedad de Lacan como efecto del lenguaje*, em *Revista El rey está desnudo*, número 16: www.elreyestadesnudo.com.ar.

f) Da psicanálise

1. A psicanálise não coincide com uma fenomenologia nem com a psicologia. Por estas razões, precisa da formalização matematizada, do matema e da topologia. Como sua conceitualização não faz parte do senso comum, implica sempre surpresa.
2. A resistência à psicanálise é do analista.
3. O ato do analista é de palavra interpretação não de silêncio, exceto quando o silêncio for o melhor que se possa dizer em determinada circunstância.
4. O corte em psicanálise coincide com a cura do sintoma e da neurose, não com a interrupção precipitada da sessão.
5. Hierarquizamos o uso das superfícies topológicas enquanto modelos superadores de uma concepção euclidiana de alguns conceitos e noções fundamentais em psicanálise:
 - O laço analisante-analista se expressa mediante a garrafa de Klein.
 - A realidade em psicanálise é concebida como um *cross-cap*.
 - Simbólico, Imaginário e Real, em psicanálise, só existem entrelaçados de forma borromeana (brunniana).
 - Desejo, demanda e objeto *a* se escrevem sobre as superfícies de dois toros interpenetrados.
 - O inconsciente é formulado como uma banda de Moebius (dupla inscrição).
6. Concebemos o fantasma como uma fórmula lógica que funciona como marco da realidade – enquanto impossível – articulando: certo *fading* do sujeito, frente ao “desejo de”, com certa condição do objeto *a* que advém no campo do Outro – A. Desde esta perspectiva, o fantasma não pode ser entendido como as fantasias que sustentam a excitação sexual (segundo Freud), nem como o cristal através do qual se vê o mundo (ideia que corresponde à noção de fantasia inconsciente segundo a teoria de Melanie Klein).
7. A prática do dispositivo analítico se vincula a um trabalho lógico de interpretação de um texto devidamente formalizado.
8. As sessões não devem ser curtas; devem durar o que a interpretação do material, o estilo do analista e o sofrimento em jogo do analisante requererem de tempo.
9. Consideramos (de acordo ao que propõe Foucault) que a honra política da psicanálise é ser uma resposta subversiva à biopolítica.

10. O sujeito do inconsciente, considerado como o que um significante representa para um outro significante no seio da relação psicanalista e psicanalisante, só é praticável convertendo-se em significantes apenas alguns termos do texto; o que implica operar com um “sujeito local”.
11. Só é possível estabelecer se houve analista, no processo de uma análise, como consequência da cura da neurose de transferência.
12. “Não responder à demanda” não significa destratar os analisantes, mas habilitar o mais além da demanda, que é o campo do desejo.
13. Em relação à psicanálise com crianças, sustentamos que o sujeito nessa prática não tem idade, nem lhe falta desenvolvimento. A ideia de um sujeito-criança contradiz a definição de sujeito que sustentamos. Rechaçamos toda ideia de evolução e maturação.

g) Das diferenças entre Freud e Lacan

1. As teorias de Freud e de Lacan são diferenciáveis e as direções da cura que delas decorrem são opostas. Em termos sintéticos, entendemos que, para Freud em (na) psicanálise trata-se de um rodeio da satisfação pulsional em relação à realidade; enquanto para Lacan, trata-se de um ato criador e realizador do sujeito em torno do objeto *a*.
2. Entendemos que a psicanálise não pode ser considerada extraterritorial ao campo das ciências.
3. *Vorstellung* ≠ significante
 Complexo de Édipo (3 elementos) ≠ metáfora paterna (4 elementos)
 Eu, Supereu, Isso ≠ Simbólico, Imaginário, Real
 Começo pela morte ≠ começo pelo verbo
 Inconsciente como o sistema das representações recalcadas ≠ discurso do Outro
 A pulsão é energia oriunda do corpo biológico, que movimentada a dinâmica do aparato psíquico: exigência de trabalho que o corpo impõe ao psíquico ≠ eco do fato do dizer no corpo
 O sexo segue a evolução da libido de acordo com a seguinte sequência: oral→anal→fálica→genital ≠ o sexo se instaura de acordo com a lógica do *hétéros/hétron*

h) Das diferenças entre Lacan e os pós-lacanianos (freudolacanianos):

1. Freud \neq Lacan e Lacan \neq Miller
2. Não concordamos com o critério “evolucionista” em psicanálise que estabelece um progresso no ensino de Lacan, sancionando um “último Lacan” como o mais verdadeiro, mais real e mais lacaniano. Tampouco aceitamos o evolucionismo do sujeito: partindo do nascimento alienado ao Outro, ao dever de separar-se para encontrar-se consigo mesmo.
3. Consideramos a noção de estrutura, a formalização matematizada, o matema e a topologia como fundamentais para o campo da psicanálise e impossíveis de serem eliminados das concepções psicanalíticas.
4. O Real considerado como a carne biológica individual é radicalmente diferente do Real como impossível lógico.
5. O ato como sendo o “fazer algo” na cena tridimensional da realidade (abraçar, bater, cuspir, etc.) \neq corte significante que cria um novo sujeito (tema, assunto, matéria).

